

# Práticas de comunicadores de movimentos sociais que atuam no ambiente digital: explorações empíricas no processo de construção de uma pesquisa

Communicators' practices of social movements that operate in the digital environment: empirical explorations in a research construction process

Nivea Bona<sup>1</sup>  
Jiani Adriana Bonin<sup>2</sup>

## RESUMO

O trabalho relata e reflete sobre os movimentos de pesquisa exploratória realizados na construção de uma pesquisa dedicada a investigar as práticas de comunicadores de movimentos sociais de Curitiba (PR) que utilizam o ambiente digital. No texto, são abordados os processos metodológicos de realização das explorações empíricas, as principais pistas e constatações obtidas e seus desdobramentos para a construção da pesquisa em questão. Os resultados das explorações sinalizam vínculos das práticas dos comunicadores com as propostas e ações dos movimentos, com as trajetórias de militância, de formação e de consumo midiático dos comunicadores.

**Palavras-chave:** movimentos sociais, comunicador, cidadania comunicativa.

## ABSTRACT

The paper reports the exploration research movements made in the construction of a research that investigates the practices of Curitiba (PR) social movements communicators using the digital environment and reflects about it. The text examines the methodological processes of realization of empirical explorations, the main leads and findings obtained, and their splits for the research construction at issue. The results indicate relations between communicators' practices and the proposals and actions of the movements, with the trajectories of militancy, training and media consumption of communicators.

**Keywords:** social movements, communicator, communicative citizenship.

---

<sup>1</sup> Coordenadora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Uninter. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: bonanivea@gmail.com

<sup>2</sup> Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil. E-mail: jianiab@gmail.com

## Introdução

Esse trabalho focaliza os movimentos de pesquisa exploratória empreendidos na construção de uma investigação que visa compreender as práticas de comunicadores de movimentos sociais de Curitiba (PR) que utilizam o ambiente digital, práticas estas pensadas desde a perspectiva da cidadania comunicativa.<sup>3</sup> A pesquisa em andamento é alicerçada teoricamente em torno de problematizações relativas aos *movimentos sociais*,<sup>4</sup> à *midiação digital*,<sup>5</sup> ao *comunicador e suas práticas*<sup>6</sup> e à *cidadania comunicativa*.<sup>7</sup> Aqui nos atemos especificamente à explicitação dos processos metodológicos de construção da pesquisa exploratória, à reconstrução das principais pistas e constatações obtidas e aos seus desdobramentos para a pesquisa em questão.

Entende-se o percurso cumprido (e por cumprir) nesta investigação como processo dinâmico em que cada movimento demanda a tomada de decisões metodológicas, que devem ser pensadas em sua pertinência e adequação aos requerimentos colocados pela problemática da pesquisa. Importa assinalar, com Bachelard (1977), que o objeto científico é um constructo, um produto modelado, entre outros fatores, pelas opções e realizações teóricas, metodológicas, táticas e operativas do processo de sua produção, tendo o sujeito investigador um papel de agente neste processo. Isso significa que o objeto é uma construção contínua e reflexiva porque se percebe a metodologia aqui também como um *dever* em que se buscam, nos tensionamentos das ações investigativas, os procedimentos metodológicos adequados à problemática em elaboração.

Maldonado (2008, p. 40), ao pensar o processo de construção da pesquisa numa linha transmetodológica firma a necessidade do desenvolvimento de uma “problematização metodológica (conceitual e operativa), dado que tanto os objetos/problema, quanto os sujeitos/

investigadores fluem em processos dinâmicos de mudança, em múltiplas inter-relações, manifestações, expressões e configurações” (Maldonado, 2011, p. 36).

Para esse fazer contínuo, é premente lançar mão de métodos que confluam com a problemática que vão se desenhando nesse caminhar. Métodos prontos que separam o teórico do empírico, o abstrato do concreto, que se pretendem totalizantes não dão conta da complexidade das problemáticas inscritas dentro do campo da comunicação (Maldonado, 2008, p. 29). Assim, importa aqui recuperar e refletir sobre essas desconstruções e reconstruções que tiveram lugar nesta pesquisa até o momento.

## Delineamentos da proposta inicial de pesquisa

O projeto relativo à pesquisa em questão, inicialmente construído, tinha como proposta investigar como comunicadores inseridos em movimentos sociais se estabeleciam dentro desses movimentos e como realizavam suas práticas de comunicação. Não tinha, ainda, um objeto de referência empírico concretamente definido (um movimento social, um comunicador, uma rede de organizações) e carregava, em sua proposta, suposições em relação ao que poderia ser encontrado ao longo da investigação. O intuito inicial era escolher algumas organizações que possuíam comunicadores (formados ou não) inseridos em suas estruturas para realizar a pesquisa. Vale situar, a partir de uma breve contextualização, os fundamentos para essas suposições iniciais.

Para estudar os movimentos sociais da atualidade no Brasil, é necessário refazer uma caminhada que se transformou muito, pelo menos nas 4 últimas décadas. Mas a forte história dos enfrentamentos com a estrutura

<sup>3</sup> A pesquisa é parte da construção de tese iniciada em 2010, para o doutorado em comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), sob orientação da Profa. Dra. Jiani Bonin.

<sup>4</sup> Em relação à problemática dos movimentos sociais, são relevantes para a pesquisa as formulações de Touraine (1998), Gohn (2003, 2005, 2008), Peruzzo (1998, 2006, 2007a, 2007b), Scherer-Warren (1993) e Montaño (2005).

<sup>5</sup> Mata (1999), Maldonado (2006) e Verón (1997) são autores que participam da construção da problematização relativa à midiação; a midiação digital e seus vínculos com os movimentos sociais vem sendo problematizada a partir do diálogo com as formulações de Scherer-Warren (1993), Castells (2003a e 2003b) e Lacerda (2008).

<sup>6</sup> A problemática do comunicador e suas práticas vem sendo trabalhada na pesquisa a partir das formulações de Duarte (2002), Martín Barbero (2003), Bourdieu (2011) e Mota (1987).

<sup>7</sup> O conceito de cidadania comunicativa vem sendo trabalhado na pesquisa a partir, principalmente, das contribuições de Cortina (2005), Mata (2006) e Camacho (2005, 2007).

governamental de um governo ditatorial que tiveram seu ápice nos anos 1970 e 1980 não deve fazer-nos esquecer que movimentos sociais existiram desde que o Brasil era colônia. A caminhada das organizações e dos movimentos sociais no Brasil, desde os anos de “chumbo” da ditadura até os dias atuais desse terceiro milênio, atravessou profundas alterações.<sup>8</sup> De atitudes e posturas combativas, que promoviam um enfrentamento entre a sociedade civil organizada e o Estado, viu-se abrir um leque de novas configurações tanto dos movimentos quanto de suas ações. Alguns movimentos se mantiveram com uma posição mais combativa, formados em bom número por voluntários militantes que possuíam, dentre suas propostas e anseios, a alteração da sociedade da maneira como ela se coloca. Outros grupos se institucionalizaram fazendo parte do grande *boom* de ONGs nos anos 1990, utilizando financiamentos para suas ações, que vinham do próprio Estado ou de organizações internacionais. As ONGs, que eram organismos originalmente criados para dar suporte técnico aos movimentos acabam por tomar, em muitos casos, o lugar desses, institucionalizando as lutas e administrando os financiamentos (Montaño, 2005).

Com a institucionalização e a busca por um fazer mais técnico, as estratégias comunicativas, que antes se concentravam em soluções alternativas aos meios de comunicação de massa – nos anos 1970 e 1980, estes figuravam como cenários hegemônicos da informação – também foram se modificando. Acostumados a elaborar panfletos caseiros, pasquins, cartazes, realizar passeatas, utilizar rádio-corneta, distribuir filipetas voadoras, fazer tevê de rua, esses movimentos viram surgir formas de produção de comunicação mais amplas, como as rádios comunitárias e, mais recentemente, a internet. A abertura democrática ainda estimulou as possibilidades de inter-relação com a mídia de massa, já que a busca pela iniciativa popular, pela comunidade (dentro do conceito do *glocal*), pela cidadania e pela participação de todos acabou ganhando as pautas desses meios – ainda que este ganho não signifique a incorporação de todos os seus significados em sua complexidade.

Na atualidade, é possível encontrarmos movimentos sociais específicos de luta em relação à comunicação

e à democratização<sup>9</sup>, mas movimentos com bandeiras diversas também começaram a repensar suas formas de comunicação e a visualizá-la como dimensão estratégica para divulgar suas demandas e se posicionar na arena social. Essas aproximações aconteceram – e continuam se alterando, pois os processos são dinâmicos – ao mesmo tempo em que uma sociedade cada vez mais midiaticizada foi se conformando.<sup>10</sup> Dessa forma, movimentos, grupos e organizações que privilegiavam a comunicação alternativa, construída a partir de cartazes, folhetos, panfletos, cornetas,<sup>11</sup> há duas ou três décadas, passaram a pensar os processos de comunicação a partir de outras possibilidades estratégicas. Entre outras razões, pela própria necessidade de satisfazer parâmetros de divulgação impostos por financiadores e/ou para atingir públicos específicos de maneira mais ampla e/ou para traçar redes de trabalho globalizadas e/ou, ainda, para legitimar sua existência e sua atuação em uma sociedade midiaticizada, essas organizações buscaram e buscam pensar a comunicação de maneira a obter lugar de destaque nos planejamentos de suas ações. Surgem, ainda, organizações formadas com o objetivo de facilitar a aproximação das ONGs e movimentos sociais com a imprensa (tevê, rádio e jornal) ou mesmo para auxiliar no planejamento de estratégias de comunicação adequadas a cada necessidade.<sup>12</sup>

Assim, uma dessas pressuposições trazidas na proposta inicial de investigação era a de que os movimentos sociais, por meio do comunicador nele inserido estavam, finalmente, depois de tantos embates, começando uma aproximação com os meios de comunicação de massa, tentando realizar uma relação com a grande imprensa. Havia a convicção de que as transformações que aconteceram na sociedade brasileira nas últimas 3 décadas, com a implantação de um regime democrático e em vista da pressão popular para pautarem na arena pública as demandas sociais, teriam feito com que a mídia de massa fosse, aos poucos, abrindo-se para as questões, as demandas e os assuntos mais populares.

Outra pressuposição trazida foi a de que os movimentos podiam estar se preparando e procurando maior profissionalização nos processos de comunicação, buscando profissionais formados pela academia que do-

<sup>8</sup> Ver, neste sentido, Gohn (2005), Peruzzo (1998), Sherer-Warren (1993) e Montaño (2005).

<sup>9</sup> Intervenções é um exemplo com atuação no Paraná.

<sup>10</sup> Efendy Maldonado (2011) recupera alguns aspectos destes processos de midiaticização e de seu aprofundamento nas últimas décadas do século XX.

<sup>11</sup> Mais detalhes sobre estas estratégias podem ser encontrados em Peruzzo (1998).

<sup>12</sup> Entre elas estão a *Central de Notícias dos Direitos da Criança – Ciranda e do Adolescente*, a *Agência de Notícias dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes – ANDI*, o *Cefuria* com cursos de capacitação em comunicação, entre outros.

minariam as técnicas e contatos com os meios de massa. Eles poderiam, dessa forma, trabalhar na produção de conteúdos e de informação sobre o movimento social não só no âmbito alternativo, mas, também, inserindo programações nas grades dos veículos comunitários e mesmo de massa. Pensava-se, nesse início, que se estava buscando a chamada visibilidade midiática de maneira determinante, como prioridade dentro dos planos dos movimentos.

Essas pré-concepções foram se complexificando e sendo questionadas na medida em que foram sendo desenvolvidos processos de pesquisa teórica e também a partir das incursões empíricas exploratórias. As buscas teóricas e empíricas serviram, como refletem Bachelard (1977) e Kuhn (1987), para se caminhar em direção à consolidação da ruptura epistemológica com o senso comum, mesmo ele influenciando fortemente a área da comunicação.

Em alinhamento com a proposta deste artigo, serão reconstruídos, no que se segue, os movimentos de pesquisa exploratória empreendidos e sintetizadas as pistas e constatações obtidas, que trouxeram questionamentos e realinhamentos em termos desses pressupostos iniciais, além de elementos de concretização das definições da pesquisa.

## O primeiro movimento de pesquisa exploratória

A pesquisa exploratória foi uma prática metodológica que se mostrou fundamental nas reflexões sobre essas primeiras pressuposições. Realizada a partir de aproximações empíricas ao fenômeno a ser investigado com o intuito de perceber seus contornos, suas nuances, suas singularidades, ela tem um papel metodológico importante na investigação, no sentido de prover elementos para a concretização da problemática nos seus diversos planos (de contextualização, teórico, metodológico, técnico). Constatações e pistas relativas a dimensões

que interessam do fenômeno investigado, trabalhadas em confluência/confrontação com o polo da teoria na pesquisa (teorização do fenômeno, teoria metodológica) participam, efetivamente, da realização daquilo que Bachelard<sup>13</sup> chama de mentalidade abstrato-concreta na pesquisa (Bonin, 2011, 2012).

Neste primeiro movimento exploratório, foram escolhidos 4 profissionais de comunicação inseridos em organizações civis em Curitiba – PR. O objetivo era obter informações iniciais sobre os comunicadores, sua trajetória de formação e de consumo/produção midiáticos e sobre as práticas de comunicação em que estariam atuando dentro dos movimentos sociais. Isso porque havia a ideia de que essas práticas poderiam estar sendo configuradas, entre outras dimensões, pela trajetória de formação do comunicador mas também pelas competências adquiridas na trajetória de vinculação com as mídias a partir do consumo e da produção midiáticos, além da incidência do próprio movimento.

A escolha das organizações foi intencional. Duas delas foram estudadas anteriormente e sabia-se que todas possuíam, na sua prática diária, ligação estreita com grupos de movimentos sociais. As outras duas foram escolhidas a partir de indicação de integrantes de movimentos. As quatro organizações escolhidas possuíam bandeiras e institucionalizações diferentes, o que respondia ao critério de escolha de movimentos com diversidade de temáticas e de estrutura que interessavam à problemática. Todas possuíam um comunicador responsável por suas estratégias, com o qual foi realizada uma entrevista em profundidade. Com 3 comunicadores, foi possível realizar as entrevistas pessoalmente e gravá-las na íntegra. Para um deles foi enviado o roteiro por *email*, a seu pedido.<sup>14</sup> O roteiro foi estruturado em 4 blocos: o primeiro englobava questões sobre os dados pessoais dos comunicadores, o segundo, sobre a trajetória profissional, o terceiro, sobre o consumo midiático desse comunicador e o quarto, sobre as lógicas da comunicação na organização propriamente dita.

Esse procedimento trouxe, entre outras coisas, um desafio metodológico: o momento das entrevistas em

<sup>13</sup> Argumentos ancorados nas proposições de Bachelard (1977).

<sup>14</sup> A abordagem feita por *email* não se configurou numa entrevista em profundidade pela impossibilidade de promover novos questionamentos de acordo com determinadas respostas que eram fornecidas, o que contribuiria para o aprofundamento das questões qualitativas (Duarte, 2005, p. 62), além do fato de que essa situação não permite contar com as informações não verbais que a entrevista presencial possibilita. Dessa forma, essa última incursão por *email* se assemelhou a uma entrevista estruturada em termos de uso do roteiro, e a um questionário pela sua forma de aplicação. A abordagem realizada por *email* ateu-se às perguntas propostas, contudo, as outras 3 entrevistas tiveram desdobramentos de questões de acordo com as respostas fornecidas. Essas questões adicionais foram elaboradas no momento, com o objetivo de aprofundar a análise do que se buscava em cada etapa/grupo de perguntas.

profundidade suscitou que a pesquisadora adaptasse o processo de coleta aos estilos e destaques que os próprios entrevistados imprimiam à entrevista. Um aprendizado obtido nessa incursão foi que é importante flexibilizar tanto a ordem das questões quanto o que delas pode surgir, o que permite levar em conta as especificidades narrativas e culturais dos entrevistados, como também aprofundar dados que se mostram relevantes no processo de coleta.

Os resultados das entrevistas, em cada bloco de questões, trouxeram dados úteis para se repensar teórica e metodologicamente a construção da pesquisa. O último bloco de questões tratou das *estratégias de comunicação e sobre como elas são construídas dentro do movimento*. Esse bloco foi o que mais trouxe pistas de reflexão para a pesquisa em construção. Algumas pressuposições iniciais, como a crença na busca por uma profissionalização obrigatória da relação desses movimentos com a mídia de massa, não se confirmaram.

Outras constatações interessantes foram feitas, com destaque para o uso frequente da Internet e do ambiente digital para divulgar seus trabalhos, para entrar em contato com outros movimentos e/ou para promover a produção de informação e conteúdo relacionado às suas organizações. Nessas entrevistas com os comunicadores, percebeu-se uma negação em relação ao uso dos meios de comunicação de massa tradicionais como tevê, rádio e jornal. A percepção que os profissionais demonstraram é que realizar assessoria de imprensa para atingir os veículos de comunicação de massa tradicionais, como emissoras de rádio, de tevê e de jornais de grande alcance, é trabalho desperdiçado.

O foco do trabalho de comunicação nessas organizações mostrou-se, a partir das entrevistas feitas, ainda muito voltado para a criação e o uso de meios de comunicação próprios para se divulgar as demandas e bandeiras da organização. Citou-se a Internet como o primeiro veículo de disseminação de suas causas, a partir da elaboração de vídeos e de sua postagem, da disponibilização de textos para discussão e da democratização de materiais diversos.

Os comunicadores entrevistados também relataram que as informações de que dispõem normalmente são repassadas e encaminhadas a partir da Internet, muitas vezes sinalizando que trabalham em configuração de rede informacional. Essas “redes” normalmente são listas

de *emails* por onde essas organizações se comunicam e divulgam suas demandas e estratégias, mas essa ação não possui, de acordo com os relatos, uma centralidade organizada. De acordo com os comunicadores entrevistados, os movimentos se citam entre eles mostrando que estão em contato uns com os outros, mas, quando perguntados se há uma rede organizada, um agrupamento, um coletivo mais orgânico de comunicação no Paraná (Estado onde as abordagens foram realizadas) que reuniria os Movimentos Sociais, eles dizem não saber se existe e apostam na não existência dele.

Esse primeiro movimento de pesquisa exploratória ofereceu pistas, também, de que há uma busca por uma profissionalização dos movimentos no que concerne à comunicação, a partir da constatação de que todos os comunicadores eram formados em jornalismo. Mesmo não tendo perguntado se a organização ou movimento os contratou porque eram jornalistas, em diversas respostas, ficou claro que essa era uma prerrogativa para o trabalho. Logo, é possível pensar que o conhecimento técnico em comunicação esteja sendo mais valorizado no cenário desses movimentos.

## O segundo movimento de pesquisa exploratória

A partir da primeira entrada no campo empírico, que trouxe desdobramentos também em termos de imersão teórica<sup>15</sup> para atualizar alguns conceitos em relação aos principais resultados encontrados no campo empírico, outra exploração foi realizada, desta vez com o propósito de iniciar a construção do objeto empírico relacionado à coleta sistemática de dados da pesquisa. O problema de pesquisa ganhou consolidação a partir dos resultados desses movimentos e de sua confrontação com as construções teóricas que foram sendo trabalhadas. Considerando a relevância do cenário digital no âmbito dos movimentos sociais contemporâneos, também presente nos casos investigados, o problema foi nucleado em torno da seguinte questão central: *como se configuram as práticas de comunicadores inseridos em movimentos sociais que utilizam o ambiente digital e que possibilidades*

<sup>15</sup> Importa dizer que esses momentos acontecem de maneira simultânea, pois a investigação teórica é busca constante durante o processo investigativo.



oferecem para a constituição da cidadania comunicativa?<sup>16</sup> Nessa formulação, investigar e compreender as práticas de comunicação digital de comunicadores inseridos em movimentos sociais de Curitiba e seu papel na construção da cidadania comunicativa passou a ser o objetivo geral da investigação.

A partir dessa definição do problema, pensamos que não seria frutífero focalizar apenas um movimento/comunicador, posto que essa estratégia não traria a diversidade de cenários que seria importante considerar na pesquisa. Questões adicionais levavam a uma diversificação de movimentos em termos de suas bandeiras e, por conseguinte, de comunicadores e de práticas comunicativas.

Explorando possibilidades de cenários empíricos, chegou-se a uma entrada que poderia trazer diversidade de comunicadores e estratégias de comunicação dos movimentos sociais no contexto do Paraná: a *Frentex-PR, Frente Paranaense pelo Direito à Comunicação e Liberdade de Expressão*, uma representação de diversos organismos da sociedade civil paranaense - um braço do que acontece em nível nacional - interessados na democratização da comunicação. São várias as demandas e as reivindicações desse coletivo de organizações, entre elas, que sejam descriminalizadas as rádios comunitárias no estado do Paraná (em 2006) e que se estabeleça a discussão das concessões de rádios e tevês. Mas a causa principal da frente é a convocação da *Conferência Nacional de Comunicação*. A partir do *website* da frente<sup>17</sup>, figuravam, no coletivo, 28 organizações. Era preciso, então, analisar quais movimentos ainda existiam<sup>18</sup>, quais deles poderiam ser concebidos como movimentos na perspectiva trabalhada na pesquisa<sup>19</sup> e quais os responsáveis pela comunicação, com vistas a fazer uma seleção de possíveis comunicadores de organizações a serem estudadas de maneira aprofundada.

Inicialmente, nessa segunda fase exploratória, foi feito contato com praticamente todas as 28 organizações

que figuravam no *site* como componentes da *Frentex*. Aquelas com as quais não houve contato foi porque estavam desmobilizadas. A intenção era encontrar alguns comunicadores inseridos em movimentos sociais no Paraná que estivessem realizando estratégias de comunicação no ambiente digital. Dessa maneira, buscou-se primeiramente encontrar esses movimentos, essas entidades e essas organizações na Internet. Procurou-se por *websites*, *blogs*, participações em redes sociais ou similares. Descobriu-se que boa parte dos materiais na Internet está desatualizada, ou não informa de maneira adequada a que se refere o movimento/organização. Alguns<sup>20</sup> possuem somente *websites* com amplitude nacional. Desses, foram contactadas as sedes, pedindo o contato local (Curitiba), e o comum foi encontrar, no estado do Paraná, somente uma pessoa representando o movimento regionalmente e que, quase sempre, possuía vínculos com outros movimentos locais. E esses vínculos se davam, inclusive, com os outros movimentos que figuravam na lista da *Frentex*. A seleção das organizações participantes da *Frentex* para fazer parte dessa pesquisa se fundou também na busca das que poderiam ser consideradas como representantes de movimento social conforme o conceito trabalhado na pesquisa. No momento de realização dessas incursões exploratórias, assumimos o conceito desenvolvido por Touraine, que propõe que “um movimento social põe em evidência um tipo muito particular de ação coletiva, aquele tipo pelo qual uma categoria social, sempre particular, questiona uma forma de dominação social, simultaneamente particular e geral, invocando contra ela valores e orientações gerais da sociedade que, quase sempre, ela acaba partilhando com o seu adversário, tentando privá-lo de legitimidade” (Touraine, 1998, p.113).<sup>21</sup> Ainda, a título de auxiliar nessa seleção das organizações participantes, lançou-se mão do que Gohn propõe como “movimentos sociais progressistas, que trabalham segundo uma agenda

<sup>16</sup> O conceito de *Cidadania Comunicativa* com o qual trabalhamos recolhe elementos das proposições desenvolvidas nas pesquisas de Maria Cristina da Mata e de Carlos Camacho. Mata (2006) e Mata *et al.* (2009) concebem cidadania comunicativa como o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no terreno da comunicação pública e o exercício desse direito. Ainda, segundo a autora, esse conceito perpassa 4 dimensões: a formal, a reconhecida, a exercida e a ideal. Já Camacho (2007, p.120) propõe que a “definição mínima da noção de cidadania comunicativa propõe uma dupla direção: dos meios ao cidadão (oferta midiática) e do cidadão aos meios (consumo cultural)” e esse cidadão exerce integralmente o direito garantido pelo Estado de efetivamente participar desses meios.

<sup>17</sup> [http://frentexpr.com.br/?page\\_id=2](http://frentexpr.com.br/?page_id=2). O *site* foi acessado em novembro de 2011 e, agora, as mesmas informações constam no endereço <http://proconferenciaparana.com.br/> acessado em maio de 2012.

<sup>18</sup> Lembra-se que Gohn (1997, 2003) e Peruzzo (1998) ressaltam a efemeridade dos movimentos sociais.

<sup>19</sup> A partir dos conceitos construídos de movimento social, mais à frente, resumidamente comentados.

<sup>20</sup> Como os da *Assembleia Popular*, *Cáritas* e da *Marcha Mundial das Mulheres*.

<sup>21</sup> No desenvolvimento teórico do trabalho, que foi acontecendo em paralelo e posteriormente às observações exploratórias, lapidamos a compreensão do que consideramos Movimento Social, inclusive tratando da corrente europeia dos Novos Movimentos Sociais.

emancipatória, realizam diagnósticos sobre a realidade social e constroem propostas” (2003, p. 14).

Outro critério foi ter dentro do movimento um comunicador, sendo ele alguém formado em comunicação ou mesmo popular, que se colocasse como o estrategista ou o integrante que pensa nos processos comunicativos. Esse comunicador, muitas vezes, pode ser o próprio líder do movimento ou um voluntário que acaba agregando essa responsabilidade dentre as outras referentes à própria luta da organização, mas que possui entre seus afazeres o planejamento, a realização ou a implementação de estratégias de comunicação para o movimento.

Outros critérios de diversificação das escolhas foram a diversidade de bandeiras e a proximidade (movimentos locais, que nasceram em Curitiba e região e atuam prioritariamente ainda localmente ou no estado). Um cuidado adicional tomado foi o de não se escolher organizações que possuíssem demandas relacionadas especificamente à comunicação ou à democratização da comunicação como foco principal para que a temática de luta não se confundisse com as práticas e as estratégias comunicacionais.

Dessa maneira, para um terceiro movimento exploratório que aprofundasse essas escolhas definiram-se, a partir desses critérios, as seguintes organizações: *Associação Cultural de Negritude de Ação Popular*; *Cefuria*, *Coletivo Soylocoporti*, *Instituto de Defesa dos Direitos Humanos – IDDEHA*, *Instituto Reage Brasil* e *Terra de Direitos*. Esses grupos possuíam alguém responsável pela comunicação, às vezes profissional, às vezes popular, tinham sua origem na cidade de Curitiba e ação local (ou regional) e utilizavam a Internet como um dos meios para desenvolver as estratégias de comunicação. A constatação sobre serem ou não originários em movimentos sociais se deu no processo de aproximação, quando do contato com seus comunicadores.

## Terceiro movimento exploratório

O terceiro movimento exploratório configurou-se a partir de uma entrevista em profundidade com os

comunicadores de cada uma das seis organizações selecionadas. Os objetivos eram aprofundar o conhecimento sobre o comunicador ali inserido, sobre o movimento e sobre como se configuram e se planejam algumas das suas estratégias de comunicação.

O roteiro da entrevista foi organizado em cinco blocos temáticos de questões: (i) Identidade, bandeira, demandas, concepções e estratégias comunicacionais do movimento social/ relação com as práticas; (ii) Práticas de comunicação digital realizadas pelo comunicador; (iii) Cultura profissional (trajetória de formação e atuação profissional) / relação com as práticas de comunicação digital; (iv) Competências midiáticas/digitais do comunicador (trajetória de consumo e produção midiático e digital) / relação com as práticas de comunicação digital e (v) Outras práticas midiático-comunicacionais desenvolvidas pelo movimento social / relação com as práticas de comunicação digital.<sup>22</sup>

Uma constatação realizada de início nessa terceira entrada exploratória foram as mudanças ocorridas em duas organizações, *Terra de Direitos* e *Cefuria*, que foram visitadas na primeira exploratória. Luísa, a comunicadora da *Terra de Direitos*, informou que não estava mais na ONG depois de três anos e meio de trabalho. Queria novos desafios, outros projetos pessoais e profissionais que não incluíssem mais a comunicação nos movimentos sociais. Em seu lugar, foi contratada Elisa, que já foi estagiária em outra organização presente na etapa exploratória 1, a *Ciranda*. Assim, essa entrada empírica foi realizada na mesma organização, mas com a comunicadora Elisa, que tinha acabado de assumir e estava se inteirando ainda de seus processos comunicacionais. A entrevista com ela foi focada, então, muito mais nos blocos que se referiam à prática comunicacional e à trajetória do comunicador e menos no que é feito no movimento.

Importa ressaltar que Elisa trabalha parte do seu tempo na *Terra de Direitos* e parte no *Cefuria*. Essa alteração de atores durante a pesquisa deve ser esperada por um investigador que estuda a realidade comunicacional, já que a característica principal do campo da comunicação é a sua dinamicidade. Surge, nessa constatação, um viés investigativo: a possível comparação dos processos comunicacionais implementados pelas duas comuni-

<sup>22</sup> Foram realizadas, então, entrevistas com a militante negra Vivian, responsável e porta-voz da *Associação Cultural de Negritude e Ação Popular – Acanap*, com Elisa, nova comunicadora da *Terra de Direitos* (tinha iniciado os trabalhos há um mês e meio); com Tiago, do *Instituto de Defesa dos Direitos Humanos – IDDEHA*; com Alison, do *Cefuria* e com Márcio, do *Instituto Reage Brasil*. A entrevista com a comunicadora da organização *Soylocoporti* não se realizou porque ela, no momento, não estava desempenhando papéis relacionados à comunicação mas, sim, elaborando projetos para captar mais recursos para continuar o trabalho da organização de estímulo à cultura e não se sentiu à vontade para tal.

adoras na *Terra de Direitos*, em gestões diferentes. A comparação da abordagem realizada por Luísa<sup>23</sup> e Elisa na comunicação da mesma organização poderia oferecer dados interessantes para pensar o quanto é determinante a postura do comunicador (com seu conhecimento em comunicação) em relação às questões que a instituição requisita.

O posicionamento em termos do trabalho em relação aos veículos de massa foi a diferença mais relevante percebida. Enquanto Luísa apontava a profunda descrença em processos de assessoria de imprensa, Elisa, mesmo expressando um discurso ainda hesitante em relação ao que deve ser feito de comunicação nos movimentos sociais, acredita em um esforço de divulgação que se utilize da imprensa também. Uma questão que surge dessa abordagem diferenciada é se a diferença de idade ou época de formação não estaria influenciando também essa maneira de enxergar os meios de comunicação de massa. Podemos suspeitar que entre os comunicadores mais antigos persista a concepção da mídia massiva como um bloco hegemônico, alinhado com as elites e que não dá espaço para os movimentos sociais.

Uma constatação relativa ao direcionamento da organização em termos de formato de gestão acabou aparecendo quando se perguntou sobre quem pensa as estratégias de comunicação na organização. Enquanto, em boa parte das pesquisadas, o processo acontecia com prévia discussão entre os integrantes da organização, Tiago, do *IDDEHA*, hesitou bastante antes de responder e finalmente disse que nunca tinha pensado nisso. Mais à frente, informou que o diretor da organização era o que propunha as estratégias, dando a entender que esse procedimento não era muito aberto à discussão. O importante aqui, numa visão relacionada aos processos metodológicos, é que essa “explicação” foi ofertada em meio a um longo silêncio hesitante, o que leva a entender que, numa entrevista em profundidade em que o cunho qualitativo está em destaque, os silêncios podem ofertar informações preciosas.

Em relação a esta terceira entrada exploratória<sup>24</sup>, constatamos que todos os comunicadores são formados em jornalismo, em épocas diferentes, um deles sendo também em relações públicas, o que sinaliza uma tendência à profissionalização da comunicação nessas organizações

por meio da contratação de comunicadores formados. E a habilitação predominante é a de jornalismo.

As idades e as experiências – incluindo tempo de formação – foram variadas e se relacionaram com diferenças nas respostas nesse processo de investigação. Os dois comunicadores mais jovens estavam mais inseguros para fornecer respostas. Os sinais corporais indicavam uma busca por aprovação do que estavam respondendo ao pesquisador, como se houvesse uma resposta correta. Essa constatação aponta para a grande responsabilidade do pesquisador e de sua subjetividade (Bachelard, 1977) no momento da entrevista. Sua reação às respostas pode ser determinante para se conseguir mais informações ou silêncios.

Foi preciso lançar mão de informações pessoais da pesquisadora, desde religião professada até movimentos em que participou e sobre o que estava pesquisando para poder conseguir a confiança de alguns entrevistados e aprofundar, assim, as respostas requeridas. Dessa forma, importa apontar que entrevistas em profundidade necessitam, algumas vezes, de encontro anterior para se conseguir o vínculo ideal de confiança e se trabalhar a problemática investigada. Por isso, em cada uma das entrevistas, não foi possível seguir exatamente a ordem dos blocos estipulados no plano. Como a proposta era qualitativa e o importante era aprofundar cada uma das dimensões, foi adaptada a ordem das questões que se seguiam ao que o entrevistado ia respondendo e ia se sentindo mais confortável.

Passo agora a recuperar as constatações feitas em relação às dimensões pesquisadas. Em relação à *identidade do movimento*, pode-se dizer que, na primeira etapa dessa exploratória, foi possível vislumbrar 3 modalidades de configuração das práticas comunicativas: uma que se caracteriza por um comprometimento muito forte com a participação nesse fazer comunicativo, presente em uma das organizações; outra por um comportamento intermediário que possui participação relativa de todos os integrantes e do comunicador e suas técnicas específicas no fazer comunicação e, finalmente, a última se distingue por práticas comunicativas definidas de maneira mais funcionalista, porque estavam planejadas em um projeto ou porque o líder da organização assim determinou.

Em termos das *práticas de comunicação no ambiente digital*, de acordo com o relato dos comunicadores, os

<sup>23</sup> Entrevistada na primeira exploratória.

<sup>24</sup> Duas organizações acabaram não cumprindo com o requerido e não fariam parte do escopo da coleta sistemática por não estarem trabalhando com comunicação no ambiente digital (ressalta-se que esse norte/foco do ambiente digital foi uma percepção fornecida pela primeira exploratória).



movimentos consideram importante trabalhar nesse meio, mas não possuem metodologia específica para isso. As formas de produção são herdadas de outras mídias, como a imprensa, e o processo de atualização e de trabalho ocorre de maneira “automática”, como se fosse óbvio e previsível “atualizar” suas informações nas redes sociais e no *site*. Aponta-se que não há um jeito específico de lidar com esses meios. A partir dessa constatação, pensamos que, na coleta de dados da fase sistemática da pesquisa, será necessário coletar dados sobre as práticas de comunicação digital a partir, talvez, da observação do que esteja sendo produzido e postado.

A dimensão *cultura profissional* ofertou uma variedade rica de detalhes que podem auxiliar na compreensão das práticas desses profissionais de comunicação. O comunicador mais velho traz uma caminhada focada em militância, em que a comunicação na organização é feita como voluntariado, não vendo nela um trabalho formal. Os outros três comunicadores denominam um trabalho o que fazem (são pagos e possuem horário a cumprir), mas dois deles escolheram a vaga por não se verem trabalhando com outro tipo de organização. O quarto comunicador aponta essa função como um trabalho profissional, até porque enxerga as ONGs como empresas.

Em se tratando do *consumo midiático*, este acabou ficando bastante diluído nas entrevistas e todos apontaram seus consumos como algo irrelevante em suas práticas. Uma reflexão que pode advir dessas respostas é que o comunicador nem sempre tem consciência do quanto suas escolhas de consumo midiático podem pautar a sua prática ou influenciar sua opção por determinadas estratégias de comunicação. Para aclarar essa questão, o depoimento sobre o que consomem deve vir ligado a uma análise de suas produções. Mais uma vez, esta etapa exploratória aponta a necessidade de uma observação dos conteúdos e produções desses comunicadores dentro do movimento.<sup>25</sup>

Uma percepção importante, ainda nesta dimensão, é a de que o consumo midiático é realizado também a partir de meios de comunicação que se coadunam com a linha ideológica dos sujeitos, isto é, *sites* e outros materiais temáticos das linhas que se defendem em cada organização. Eles acabam fermentando as estratégias aplicadas na comunicação das organizações e vice-versa, tornando-se um processo de realimentação da produção em comunicação a partir do seu consumo.

Nuances da *cultura política e de militância* dos comunicadores aparecem nas entrevistas relativas a como funcionam e por qual razão as escolhas foram sendo tomadas no âmbito profissional. Assim, podemos entender que Tiago, do *IDDEHA*, não possui vínculo de militância com a organização, até porque considera esse um trabalho quase de mercado. Já os outros comunicadores apontam fortemente, nas entrevistas, a escolha consciente por crença e acordo ideológico com o trabalho das organizações.

Os quatro movimentos possuem *outras formas de comunicação*: cartazes impressos para eventos, cartilhas de educação popular e livros, palestras, vídeos e *podcasts* de programas de rádio, quando produzidos. Não há uma relação muito clara de ligação entre essas estratégias impressas e audiovisuais e o ambiente digital, mas os 4 comunicadores disseram que o que era produzido no movimento, tanto de maneira coletiva quanto somente técnica/profissional, era postados no *site*. Ainda nesta dimensão, constatou-se que o *Facebook* e o *Twitter* são usados para situações pontuais como eventos específicos - palestras, cursos, votações - ou factuais, como início de um projeto, votação de outro, entre outras informações. Nos casos do *Cefuria*, *IDDEHA* e *Terra de Diretos*, há ainda cartilhas e livros específicos para determinadas situações que prevejam a educação popular em relação a determinado assunto, como economia solidária, leitura crítica da mídia, questão agrária, etc. Essa dimensão vem reforçar o necessário olhar sobre os materiais produzidos como forma de complementar as respostas à problemática central desta pesquisa.

## Considerações finais

A observação das práticas e interações que acontecem no movimento social ou organização é tão importante quanto ouvir o comunicador. Percebe-se, a partir desses três movimentos de aproximação ao cenário empírico da pesquisa, que se o objetivo é entender aprofundadamente as práticas desse comunicador, suas lógicas e seus sentidos, é necessário também enxergar como ele interage com os outros possíveis profissionais e grupos que influenciam sua caminhada. Ter somente a visão de reflexão dele so-

<sup>25</sup> Aqui se vê o percurso transmetodológico de maneira concreta. Somente a partir do terceiro movimento de pesquisa exploratória foi se visualizando que uma outra metodologia de coleta de dados deverá ser utilizada na fase da pesquisa: a observação e a análise dos produtos comunicacionais desses atores.

bre esses processo pode tornar a pesquisa limitada e não ofertar todos os aspectos que precisam ser analisados visto que, por mais que possamos planejar de maneira a não induzir as respostas às pesquisas, esse movimento mostrou que alguns entrevistados precisam da “aprovação” às suas respostas, como se existisse uma resposta correta que deva ser dada. Assim, na ânsia de obter a resposta à questão, é bem possível que o pesquisador tenha, de alguma forma, influenciado essa resposta.

Outra percepção de destaque - sem se desfazer das que foram se construindo na análise do terceiro movimento de pesquisa exploratória - é que deverá ser realizada uma análise de documentos das organizações, das produções desse comunicador no ambiente digital, assim como acompanhamento de atualizações ou outras ações para que se possa pensar como os aspectos relativos à trajetória do movimento, suas demandas, suas transformações a partir desse contexto comunicativo midiático estão presentes nessa prática, porque essa resposta não pode depender somente do relato do comunicador em questão pelos mesmos motivos elencados no parágrafo anterior.

A riqueza de detalhes nas decisões tomadas nas vidas de cada um dos comunicadores aqui entrevistados fornece cenários interessantes para traçar um desenho de quem é esse comunicador, o que configura sua ação comunicacional e como sua ação se relaciona com a cidadania comunicativa. Essa indicação conduz à necessidade de trabalhar com entrevistas de modalidade histórica, mais especificamente, relacionadas à trajetória de vida comunicacional desses comunicadores, incluindo a comunicadora que deixou as organizações e o trabalho no movimento para repensar sua vida profissional.

Na construção da pesquisa em processo, todas essas constatações e pistas obtidas nos movimentos de pesquisa exploratória aqui reconstruídos foram cruciais para a concretização do desenho da investigação em processo: elas possibilitaram rever pressupostos, reconfigurar o problema, realinhar as bases teóricas da pesquisa e ancorar reflexões, decisões, opções, estratégias e táticas para a continuidade da investigação.

## Referências

- BACHELARD, G. 1977. *A epistemologia*. Rio de Janeiro, Zahar. 220 p.
- BONIN, J.A. 2011. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: A.E. MALDONADO; J.A. BONIN; N.M. ROSÁRIO (orgs.), *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. 2ª ed., Porto Alegre, Sulina, p. 19-42.
- BONIN, J.A. 2012. Pesquisa exploratória: reflexões em torno do papel desta prática metodológica na concretização de um projeto investigativo. In: Encontro Anual da Compós, XXI, Juiz de Fora, 2012. *Anais...* 1:1-11. Disponível em: <http://www.compos.org.br>. Acesso em: 15/04/2012.
- BOURDIEU, P. 2011. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 311 p.
- CAMACHO AZURDUY, C.A. 2007. *Cultura de transparencia: El derecho humano a la información en el desarrollo de la ciudadanía comunicativa en Bolivia (1997 – 2007)*. La Paz, Hebrón, 309 p.
- CAMACHO AZURDUY, C.A. 2005. América Latina, en el reto de construir puentes con y entre las ciudadanías. El derecho a la información como práctica de formación y desarrollo de la ciudadanía comunicativa. *Revista Aportes Andinos*, 1(14):1-18. Disponível em: <http://www.uasb.edu.ec/padh/revista14/articulos/carlos%20camacho.htm>. Acesso em: 12/03/2013.
- CASTELLS, M. 2003a. *A galáxia da internet. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar, 243 p.
- CASTELLS, M. 2003b. Internet e sociedade em rede. In: D. Moraes (org.), *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, p. 255- 87.
- CORTINA, A. 2005. *Cidadãos do mundo. Para uma teoria da cidadania*. São Paulo, Loyola, 210 p.
- DUARTE, J. 2002. Assessoria de Imprensa no Brasil. In: J. DUARTE (org.), *Assessoria de imprensa e relacionamento com a mídia: teoria e técnica 3*. São Paulo, Atlas, p. 51-75.
- DUARTE, J. 2005. Entrevista em profundidade. In: A. BARROS; DUARTE, J. (orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo, Atlas, p. 62-83.
- GOHN, M.G. 1997. *Teorias dos movimentos sociais*. São Paulo, Loyola, 383 p.
- GOHN, M.G. 2003. *Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis, Vozes, 143 p.
- GOHN, M.G. 2008. *O protagonismo da sociedade civil. Movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2ª ed., São Paulo, Cortez, 120 p.
- GOHN, M.G. 2005. *Movimentos sociais e educação*. 6ª ed. São Paulo, Cortez, 120 p.
- KUHN, T. 1987. *Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 260 p.
- LACERDA, J.S. 2008. *Ambiências comunicacionais e vivências midiáticas digitais. Conexões e sentidos entre espacialidades pessoais, arquitetônicas e digitais: um estudo da experiência dos internautas em telecentros de acesso público gratuito dos projetos Paranavegar e Faróis do Saber - Curitiba - PR*. São Leopoldo, RS. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 318 p.
- MALDONADO, A.E. 2011. Pesquisa em comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica.

- In: A.E. MALDONADO; J.A. BONIN; N.M. ROSÁRIO (orgs.), *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. 2ª ed., Porto Alegre, Sulina, p. 277-303.
- MALDONADO, A.E. 2008. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: A.E. MALDONADO; J.A. BONIN; N.M. ROSÁRIO (org.), *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa, Editora Universitária da UFBA, p. 27-54.
- MALDONADO, A.E. 2006. Práxis reflexiva comunicacional e configurações sociais transformadoras. In: D. COGO; J. MAIA, *Comunicação para a cidadania*. Rio de Janeiro, UERJ, p. 27- 40.
- MARTÍN-BARBERO, J. 2003. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: D. MORAES (org.), *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro, Record, p. 57-86.
- MATA, M.C. 2006. Comunicación y ciudadanía: problemas teóricos-políticos de su articulación. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*, 8(1):5-15.
- MATA, M. C. 1999. De la cultura massiva a la cultura mediática. (56):80-90.
- MATA, M.C.; CARRO, J.P.; CÓRDOBA, M.L.; GUZZI, L.; MONJE, D.I.; MORALES, S.; SEGURA, M.S.; SIMO, J.C. 2009. Ciudadanía comunicativa: aproximaciones conceptuales y aportes metodológicos. In: A. FERNANDEZ; E. MALDONADO (orgs.), *Metodologías transformadoras: tejiendo la red en comunicación, educación, ciudadanía e integración en América Latina*. Caracas, Red AMLAT, 287 p.
- MONTAÑO, C. 2005. *Tercero Setor e questão social: crítica ao padrão emergente de intervenção social*. São Paulo, Cortez, 288 p.
- MOTA, L.G. 1987. Brasil: alternativa popular: comunicação e movimentos sociais. In: M. GRINBERG. *A comunicação alternativa na América Latina*. Petrópolis, Vozes, p. 37-50.
- PERUZZO, C.M.K. 1998. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 342 p.
- PERUZZO, C.M.K. 2006. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXIX, Brasília, 2006. *Anais...1*:1-17.
- PERUZZO, C.M.K. 2007a. Comunicação e terceiro setor. In: J. DUARTE (org.), *Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público*. São Paulo, Atlas, p. 154 -173.
- PERUZZO, C.M.K. 2007b. Comunicação comunitária e gestão participativa. In: W.L. KUNSCH; M.M.K. KUNSCH (orgs.), *Relações Públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora*. São Paulo, Summus, p. 137-149.
- SCHERER-WARREN, I. 1993. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo, Loyola, 193 p.
- TOURAINÉ, A. 1998. *Poderemos viver juntos?* Petrópolis, Vozes, 387 p.
- VERÓN, E. 1997. Esquema para el análisis de la mediatización. *Diálogos de la comunicación*, 1(48):9-17.

Submissão: 11/05/2013

Aceite: 17/11/2013